

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

<p>Numero 214</p>	<p><b>Assignaturas</b> AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p><b>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</b></p>	<p><b>Publicações</b> No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantos teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	<p>4.º Anno</p>
-------------------	---	---------------------------------------	---	-----------------

## A mania das grandezas

Não ha sociedade que soffra mais d'esta doença que a sociedade portugueza. Doença terrivel, que tem destruido todo o bom senso e toda a economia da nação.

O bom do portuguez só tem um fito, ou elle se diga monarchico, ou se diga republicano, ou se diga socialista, anarchista, ou o diabo: é ser fidalgo. Portanto, fazer tudo quanto faz o fidalgo. Nas suas palavras será o maior e mais audacioso democrata. Nos seus actos é fidalgo. Só fidalgo. E como a tradição do fidalgo, entre nós, é de vadiagem, de ociosidade, de mandrice, de estupidez e falsa devoção, o bom do portuguez, por via de regra, tende sempre para todos esses vicios.

Lavrador que ganha uns vintens a moirer na terra, sapateiro que faz as suas economias a suar em cima da tripeça, mercieiro que se torna rico ou abastado a vender paio ou manteiga, a primeira coisa em que pensa é em fazer o filho doutor. Para enriquecer o filho? Não. Para se elevar a si e para o elevar a elle. Ser doutor é ser fidalgo. E' estar no caminho das grandezas. E', pelo menos, privar com os fidalgos.

O doutor não estuda. O doutor não pensa. Não foi feito doutor para estudar e para pensar. O doutor não trabalha. O trabalho é vileza. Se o pae quizesse que o filho fosse um trabalhador simples e honesto, alargava, augmentava a sua officina de sapateiro, alargava, augmentava o seu negocio de carne de porco ou manteiga, estudava, melhorava as suas culturas, e fazia d'elle um industrial independente, um negociante abastado, um lavrador rico e intelligente. Ficariam sendo doutores os filhos de doutores, os filhos d'aquelles que pertencendo ás classes medianas não tinham industria, nem commercio, nem lavoura para deixar aos filhos como garantia de independencia, de trabalho rendoso, productivo e util.

O lavrador, o sapateiro, o mercieiro não é tão falto de juizo que não veja que pelo lado do interesse mais valia deixar o filho na sua industria, ou no seu negocio, do que faze-lo doutor. Mas não é o interesse que elle alveja. E' a honraria. E' a fidalguia.

Na mesma corrente vae o rapaz. Se o pae quer honras, tambem o filho as quer. Se o pae quer o filho doutor para figurar, tambem o filho quer ser doutor para fazer figura. Mas para fazer figura de lord. Não é para fazer figura de sábio. O sábio é um gebo. O sábio foi sempre alvo da troça

e do desdem do morgado. Deus o livrasse a elle de ser sábio. Abrenuncio!

E lança-se de cabeça baixa na vida ociosa, deslavada, cynica, da politica e da sociedade do *bom tom*.

Uma das coisas que maior opposição teem soffrido em Portugal, opposição tenaz, permanente, constante, é o regimen de instrucção secundaria. Porque? Porque é um embaraço á doutorice. Em Portugal, raro é aquelle que se limita ao diploma de instrucção secundaria. Todos seguem, todos querem seguir para deante. Ora o regimen de instrucção secundaria era um estorvo levado do diabo. N'elle tropeçavam e esbarravam muitos. D'ahi a gritaria infernal, que se elevou de todos os cantos do paiz. E tanto gritaram, e tanto berraram, que o regimen de instrucção secundaria vae ser modificado.

O que se diz dos rapazes e o que succede com estes, diz se e succede com as raparigas. As boas donas de casa acabaram-se. Ficaram as janotinhas. As janotinhas e as hystericas. As que não são hystericas, fazem-se. Porque essa coisa do hystericismo é, hoje tambem, na femea, uma nota indispensavel de *bom tom*. Quem não tem hystericismo arranja-o. Quem não é hystericica, finge-se. Sem esse *chiquismo* é que não se póde ficar. Será tida á conta de *saloia*.

O prejuizo que d'ahi resulta para a tranquillidade do lar, para a economia domestica, para a educação dos filhos, por conseguinte para a felicidade e para a economia da nação, nem se póde calcular. Em dinheiro, são milhões e milhões deitados á rua. Directamente. Já não queremos falar dos saques no thesouro nacional, das perdas publicas que resultam do marido se vêr obrigado a recorrer a expedientes de toda a ordem — grandes empregos e largas gratificações arrancadas á politica, syndicatos, peitas, concussões, falsificações e abusos de toda a ordem. Raros são aquelles que exploram e roubam pelo prazer d'explorar e roubar. Um marido, que tem uma mulher que sabe fazer economias, e que não é exigente, contenta-se com pouco. Mas aquelle que tem a desgraça de possuir uma hystericica exigente, insensata, mal governada e perdularia, não tem remedio senão recorrer a todos os expedientes de *fazer dinheiro*.

Só isto representa uma perda enorme para a nação. Mas já queremos pôr isso de parte. Contemos sómente o que se perde no mau governo domestico. São milhões, milhões e milhões.

E o fructo da desmoralisação? Da ausencia de solidariedade moral entre marido e mulher? Da

falta de conchego, do socego, de paz, ordem e amor na familia?

Contudo, o *bom tom* não é mau como superficialmente, ás vezes, se imagina. Nem sempre é a maldade a origem de tantas desordens e perturbações. Muitas vezes é uma falsa comprehensão da vida. Ha mesmo quem tenha a consciencia plena da corrente desgraçada que nos arrasta, e quem pretenda resistir-lhe. Mas falta a união, falta a incitação, falta o estimulo. E aqui é que a imprensa jornalística podia desempenhar um altissimo papel.

Infelizmente, nada faz. Ou se faz alguma coisa é no sentido de augmentar o desvairamento geral, de fazer crescer a desordem, de alargar a confusão. Ainda ha pouco a vimos, a proposito da pendencia Baracho-Alpoim, sustentar as mais extranhas e revoltantes theorias.

O dever, senão de todos os periodicos pelo menos dos periodicos democraticos, era combater o duello, que é um preconceito asnatico, herança de velhos tempos, tradição aristocratica que já não tem razão de ser. A verdadeira coragem consiste em arcar com opiniões falsas, com convenções estupidas, em arrostar com a mentira para lhe sobrepôr a verdade e a justiça. E' essa a coragem do homem culto, d'aquelles que se dizem filhos da revolução, isto é, da liberdade e do direito. A outra, a coragem d'um homem se pôr na frente d'outro para combater, a vaidade e o orgulho que d'ahi resultam, são coragem, vaidade e orgulho de preto. Se é essa a civilisação, se é essa a democracia que os distingue, não teem de que se mostrar orgulhosos ou soberbos, porque não valem mais do que o preto. Estão á altura de qualquer selvagem das regiões africanas ou americanas.

E' revoltante que um figurão, que usa sobrecasaca e chapéo alto, não hesite em arriscar a sua vida por uma ninharia ridicula, em obediencia a uma convenção bestial, e não arrisque um passo em defeza da verdade, do direito, da liberdade e da justiça. Bem melhor seria que empregassem a sua coragem em combater o despotismo, que vem afogando este paiz, e todas as iniquidades, vexames e miserias que d'elle teem resultado e resultam.

Mas sendo o duello, em todos os casos, uma monstruosidade, mesmo quando ha offensas graves á honra do individuo, porque nunca se póde ter como seguro o castigo do offensor, é-o particularmente quando as offensas não existem, quando não passam, para o supposto offendido, de susceptibilidades infantis, ou quando são tão generalisadas, tão impessoaes, tão dissimuladas ou esba-

tidas que ninguem possa dizer com precisão: aquillo é commigo.

Neste artigo conteem-se, sem duvida, expressões menos agradaveis para a sociedade portugueza e para certos grupos ou classes, em especial. Póde-se admittir que um Fúão nos venha dizer: «Você offendeu-me porque eu sou portuguez? Você ha de me dar uma reparação pelas armas porque eu sou doutor e você implica com os doutores? Você ha de engulir o que disse porque fala em desabono das hystericas e eu sou casado com uma hystericica, por signal perdularia, exigente, foliona, má esposa e mãe, dando um exemplo terrivel lá em casa, fazendo do meu lar um inferno, e você offende todas as hystericas n'essas condições?»

Ora Deus nos acuda!

Confessamos que gostámos, em geral, da attitude do sr. Baracho na camara alta, como gostámos da attitude de todos aquelles que *repontam* com irregularidades e escandalos. Mas não podemos applaudir, ou daríamos provas de imbecilidade, além de darmos provas de iniquidade, que se coarcte ao jornalista o direito de critica nos limites da moderação e da decencia.

Já o coarctou, já o restringiu tambem, já o annullou o sr. Alpoim? Pois bem; seria muito justo que o sr. Alpoim fosse censurado por isso e que volte a sê-lo quando repetir o facto. Mas o que não é justo é que o sr. Alpoim seja réo quando está fóra do direito e da razão, e que seja réo, da mesma fórmula, porque embirramos com elle, quando tiver por si a razão e o direito. Isso é que não póde ser. Repetimos: é, além de tudo, dar provas d'imbecilidade, porque a injustiça é arma de dois gumes, que se volta contra o amigo depois de ferir o inimigo.

A imprensa republicana não só anda muito mal quando deixa impune a mania do duello, principalmente agora que a recrudescencia d'essa mania obedece, principalmente, ao proposito de lisongear o poder pessoal, que é *valentão*, como quando põe o despeito e a paixão acima do exame imparcial dos homens e dos factos.

E se falamos, de preferencia, na imprensa republicana é porque ella tem um dever especial a cumprir e porque nos doe que o não cumpra.

Não, caros confrades, não. Ganhemos auctoridade, que precisamos d'ella. E o caminho de a adquirir não é esse.

## Exposição do Methodo João de Deus

O sr. Homem Christo explica amanhã, na escola parochial da Vera-Cruz, o methodo João de

Deus aos professores que o não conheçam e que o queiram aprender, no sentido da circular ultimamente expedida pela «Direcção Geral de Instrucção Publica».

Essas explicações continuar-se-hão á mesma hora, dez da manhã, nos dias seguintes.

## Cartas d'Algures

11 DE SETEMBRO.

Vimos como a Inglaterra e como a Dinamarca dispensavam todo o protecçionismo, sem deixarem, por isso, de ser prosperas, ricas e felizes. Vimos onde estava o segredo d'essa prosperidade. Vimos como os particulares, as corporações, as associações, os municipios, nos Estados-Unidos, gastavam quantias enormes na instrucção do povo, independente das sommas colossaes dispendidas pelo Estado. Dissémos que o mesmo succedia na Inglaterra e citámos o exemplo de Cecil Rhodes. Vejamos hoje, com mais vagar, mais alguma coisa a esse respeito, com relação á Gran-Bretanha.

Não foi o governo inglez que tomou a iniciativa da propagação da instrucção primaria no reino unido. Essa iniciativa deve-se a numerosas sociedades, que se constituíram para esse fim, sendo as mais notaveis a *National Society* e a *British and Foreign Schools Society*, que ainda hoje existem ricas e florescentes, a primeira d'espírito clerical, com a missão restricta de fundar escolas onde se ensinasse o catholicismo e as doutrinas da Igreja anglicana, e a segunda extranha a preocupações religiosas, abrindo as suas escolas aos adeptos de qualquer seita ou religião.

Até 1832 foram estas duas sociedades, vivendo exclusivamente de contribuições voluntarias, que sustentaram quasi todas as escolas primarias da Inglaterra. A intervenção do governo deu-se em 1833, pela primeira vez.

Com a instrucção technica succedeu a mesma coisa. Foi ainda a iniciativa particular que ahí tomou a deanteira.

Em 1800, o dr. Birkbeck, professor na universidade de Glasgow, abriu n'esta cidade conferencias de physica industrial para operarios. Essas conferencias, ou cursos, tiveram um echo enorme, a idéa espalhou-se e ganhou adherentes em toda a Gran-Bretanha. Em 1825, o enthusiasmo pela educação technica das classes populares era geral. O dr. Birkbeck percorreu a Inglaterra, fundando em todas as cidades industriaes, por subscrição publica, institutos operarios — *Mechanics' Institutes* — eguaes ao de Glasgow. Entre os subscriptores figuravam, em grande numero, os proprios operarios, com uma quota insignificante. Mas ao funcionarem os cursos, quando começou a exposição das theorias scientificas, reconheceu-se que os operarios, por serem analfabetos, não estavam em condições de aproveitar o ensino. Mal começava ainda a sentir-se a influencia das grandes sociedades, que tanto propagaram a instrucção primaria na Inglaterra.

Os fundadores dos *Mechanics' Institutes* tinham se adiantado ao seu tempo. E assim o comprehendiam convertendo os institutos em escolas de primeiras letras.

Mais tarde fundou-se em Londres uma nova associação do mesmo genero, *City and Guilds of London Institute*, subsidiada pelas corporações da grande capital, tão poderosa que só de 1878 a 1888 gastou com o ensino 303.959 libras sterlingas ou mais de mil e trezentos contos de réis.

Em 1854 fundou-se em Birmingham outra associação, também poderosa, *Birmingham and Midland Institute*, que em 1889 contava 40.000 subscriptores. Os seus cursos são frequentados todas as noites por milhares de indivíduos, exclusivamente operários, empregados ou trabalhadores. É uma especie de universidade popular, onde se ensina tudo, desde assumptos geraes de litteratura e historia até ás applicações especiaes da chimica industrial. Leclerc consigna que Birmingham deve a essa associação a elevação intellectual que se nota nas classes operarias e na pequena burguezia da cidade. «É um espectáculo reconfortante ver todas as noites correr alli, de todos os cantos da cidade, milhares de indivíduos esfaimados que vão reclamar o pão da sciencia...

A sala das conferencias, que pôde conter mais de mil pessoas, enche-se todas as segundas-feiras. Ali vai uma vez por semana, de Londres, de Oxford, de qualquer parte, um homem notavel na litteratura ou na sciencia fazer uma conferencia popular. O successo é sempre extraordinario. Emfim, o Instituto, graças á inextinguível liberalidade dos seus amigos e protectores, é munido de laboratorios muito aperfeiçoados de physica, de chimica, de geologia, de mechanica, de electricidade.»

Chamberlain, que foi maire de Birmingham, opinou um dia que o Instituto devia possuir também uma escola de bellas artes. O director do jornal *Daily Post* acolheu essa idéa, e propagou-a. Logo dois ricos industriaes da cidade offereceram 10.000 libras para a nova secção. Dois dias depois, outro municipal, Calmore, offereceu mil metros quadrados para a construção do edificio, situados no centro da cidade e avaliados em 14.000 libras. Uma senhora, miss Ryland, offereceu também 10.000 libras. E assim por diante.

Em 1886 inaugurou-se o novo edificio, uma obra prima d'arte, diz Vachon, e uma maravilha da instalação escolar.

Em Manchester estava a extinguir-se, por falta de recursos, um *Mechanics' Institute*. Em 1882, escreve Leclerc, um cidadão da cidade concebeu o projecto de resuscitar, transformando-a, essa instituição moribunda. Reuniu em sua casa alguns amigos, abriu uma subscrição e obteve os fundos necessarios.

Em Bradford a mesma coisa. Em 1882 a industria local passou por uma transformação rapida. O pessoal operario não estava preparado para essa transformação. Os principaes industriaes reuniram-se, cotisaram-se, obtiveram 26.846 libras, fundaram um collegio tecnico, que, com futuras dotações, se tornou um dos meliores de Inglaterra.

E' assim por toda a parte.

Nesse grande paiz, que Portugal só conhece pela sua força, na árcia pelintra de acautelar as costellas, e que só admira pelas suas grandes esquadras, salvaguarda da pregniza, da vadiagem, da estupidez nacional, n'esse grande paiz parte-se do principio de que é o povo a base da nação e de que não pôde haver progresso nem riquezas onde houver povo faminto e ignorante. E então, independente das enormes dotações consignadas no orçamento do estado á instrucção publica, apressam-se os particulares a manter, por seu lado, escolas, nas

quaes dispendem quantias assombrosas.

E o que se faz na Inglaterra. E' o que se faz nos Estados-Unidos.

Em Portugal, os nossos ricos, como já dissémos, não gastam um tostão em coisas uteis. Se alguma vez o gastam é por luxo, por apparato, por imposição do *bon tom*, exclusivamente em obras de caridade iniciadas pelo rei ou pela rainha. Não é pela caridade. Não é por philantropia. É pela rainha. É pelo rei. Por isso! Sómente por isso!

Sêja, no entanto, pelo que fór, certo é que a caridade, só por si, não resolve coisa alguma. Dêam-nos pão, justiça, direito, instrucção, que talvez possamos, depois, dispensar a caridade. Ou dêem-nos tudo junto e já não ficamos no espirito de ninguém a suspeita de que só teem caridade por hypocrisia, por especulação politica ou por servilismo.

Na Inglaterra, um kilo de pão custa 45 réis. O rico não subtrah ao imposto o seu rendimento. Tem vivido até hoje sem leis escandalosas, que o libertem a elle sobrecarregando os miseraveis. E, contudo, gasta milhares de contos em instruir e educar as grandes multidões.

Em Portugal um kilo de pão custa de noventa réis para cima. A careza do pão corresponde a careza da carne, do peixe fresco, do peixe salgado, do chá, do assucar, de tudo quanto se come, de tudo quanto se calça, de tudo quanto se veste.

E os que enriquecem escandalosamente á custa da miseria publica, os que se valem da ignorancia geral do paiz para manter a mais odiosa e a mais criminosa oligarchia que se conhece na Europa, nem ao menos teem a generosidade de dizer: «Já que estamos ricos, vamos lá a gastar uns vintens, os crescimos das nossas folias, o que sobrar dos nossos gozos e prazeres, em preparar um futuro melhor a estes pobres diabos, que são, afinal, uns desgraçados.»

Não. Nem os move o espirito de generosidade, nem os move o espirito de patria. N'aquelles cerebros, n'aquelles corações não ha nada.

Em Portugal não ha uma unica associação d'instrucção popular que tenha recursos para servir, em larga escala, o fim que se propoz. Que o diga a benemerita Associação das Escolas Moveis pelo *Methodo de João de Deus*, que se arrasta tristemente, á falta de socorros. Em Portugal não ha nada. Se ha alguma coisa é sarcasmo, é má vontade, é odio, aquelles que trabalham por erguer o nivel intellectual d'este povo infeliz.

Em Portugal todos vêem a Inglaterra só pelo lado da protecção que a sua força nos concede. Mas nem os governos, nem os particulares, tratam de indagar o segredo d'essa força, para se inflamarem no exemplo, para elevarem o paiz pelos mesmos processos de patriotismo, de previdencia, de abnegação e de trabalho.

Pois enquanto não o fizerem escusado é cantar glorias em honra do supposto iniciador da alliança ingleza. Ficamos como lacaio, á mercê da fortuna, do bom querer, do favoritismo do patrão.

A. B.

— Um calumniador é mais ocioso que um assassino; este, matando-vos, só vos tira a existencia, porém aquelle rouba-vos a reputação que vale mais que tudo.

A unica cabeça á medida d'esta carapuça, é só a do *Chica*.

#### A's almas caridosas

Ao condoído coração dos nossos leitores recommendamos a pobre e infeliz Chirinetta, que se acha entrevada com uma paralyisia e que vive na maior das misérias. Mora na rua da Fonte Nova.

## Methodo de João de Deus

Já publicamos aqui a circular dirigida aos inspectores primarios pelo sr. director geral de instrucção publica, recommendando, calorosamente, o methodo de João de Deus.

Foi essa circular recebida com censuras, insinuações e manifestação má vontade por alguns periodicos, estes porque embirram com o sr. Abel de Andrade, e aquelles porque teem collaboradores ou redactores interessados na venda de cartilheas ou livrecos.

Não temos deixado, em toda a nossa vida jornalística, de combater esta torpeza, que é só de Marrocos e de Portugal, de collocar paixões, odios, resentimentos, invejas e despeitos, acima da justiça e da verdade. O sr. Abel de Andrade andou agora muito bem. Pois applauda-se agora sem reservas, para termos, amanhã, auctoridade para o censurar, se elle proceder mal.

Não fazer isto não é só dar provas de torpeza; é, tambem, dar provas de imbecilidade.

O sr. Abel de Andrade andou muito bem em tomar a iniciativa do projecto de lei que excluiu do concurso a obra admiravel, que já anteriormente havia sido consagrada pelas camaras, de João de Deus. Foi logico e foi digno. Continuou esse espirito de logica, de intelligencia, de dignidade, incutindo agora os professores a estudá-la e a adoptá-la.

Houve motivos particulares, que desconhecemos, para o sr. Abel de Andrade proceder d'essa maneira? Não temos que julgar as intenções dos homens, mas as acções que elles praticam. Este é o principio geral, que não deixa de ser verdadeiro por admitir, em casos especiaes, algumas restricções.

Quando um homem serve os interesses geraes pouco importa que elle sirva, ao mesmo tempo, as suas afeições ou, licitamente, os seus interesses pessoais.

Isto na peor hypothese. Estamos convencido—nem podemos admitir, por simples palpito, a convicção contrária—de que o sr. Abel de Andrade obedeceu unicamente, como director geral de instrucção publica, ao cumprimento do seu dever, sendo certo que o unico methodo de leitura, o unico que ha em Portugal, é o methodo de João de Deus. Tudo o mais que para ali existe com o nome de methodo de leitura é uma vergonha. Mas supponhamos que outros motivos influíram no animo do sr. Abel de Andrade. Que importa isso, se as inclinações pessoais do sr. Abel de Andrade redundaram, apenas, n'um grande serviço prestado á nação?

Este é o caso. O jornalista, o publicista só tem que attender aos resultados geraes. Ou, então, prova que a influencia pessoal, que se exerceu, em certo sentido, sobre este ou sobre aquelle individuo, foi uma influencia criminosa.

Vendeu-se o sr. Abel de Andrade? A quem? Para que, se elle não impoz o methodo a ninguém, se João de Deus foi o primeiro a proclamar que não queria que o seu methodo se tornasse obrigatorio, se n'esse proposito persistiu até ao fim da vida, e se os seus herdeiros ficaram fiéis á vontade do grande pedagogo?

Essa hypothese está posta completamente de parte. E se não pôde ser admittida, sendo essa a unica que deixaria mal collocado o sr. Abel de Andrade, porque, então, embora a conducta do director geral d'instrucção publica importasse um resultado geral excellentemente não deixava de envolver um crime previsto na lei, se essa está posta de parte, se não pôde ser admittida, se não pôde, se quer ao menos, ser pensada, o resto, afeições ou influencias pessoais,—e isso mesmo só por mera hypothese—é tão secundario, em face das vantagens geraes, que nem vale a pena discuti-lo.

Que nos importa a nós que a politica, que um amigo, que outra causa da mesma natureza, tivesse influido no animo do sr. Abel d'Andrade?

Abençoada politica, n'esse caso para lhe atirarmos foguetes, pela primeira vez na nossa historia. Abençoado amigo.

Os jornaes, que ficaram silenciosos deante da circular do director geral d'instrucção publica, provam apenas a mais absoluta ignorancia do methodo João de Deus, e a mais estúpida indifferença por estas questões gravissimas d'instrucção, que são as grandes questões dos povos cultos. E os que a censuraram, ou revelaram equal estupidez, ou uma dose de despeito e de torpeza que está abaixo de toda a discussão.

O professor é o methodo, o methodo é o professor, dizem alguns d'aquelles a quem João de Deus, com muita graça e acerto, chamou os *pedagogos*. Não merecem outro nome. Seria preciso começar por demonstrar que os professores, na sua maioria, são capazes de ter methodo.

O que valem esses pedagogos disse-o ha pouco o *Diario do Governo*, quando publicou as tremendissimas asneiras que continham a maior parte dos livros d'instrucção primaria rejeitados em concurso.

De todas as maneiras se aprende a lêr, não ha duvida nenhuma. Mas uma coisa é aprender a lêr com intelligencia, com consciencia, com criterio, outra coisa é aprender a lêr bestialmente.

Ora a unica pessoa que n'este paiz ensinou a lêr com criterio foi João de Deus.

Autes d'elle não havia methodo nenhum. Nem o houve depois, senão n'aquillo que d'elle imitaram e copiaram.

É inutil contestar esta affirmacção, porque ninguém o poderá fazer com razão e verdade.

Eis porque o sr. Abel de Andrade é merecedor de todos os elogios, no seu proposito de propagar o methodo de João de Deus nas escolas do paiz.

O nosso collega João Braz (Silva Pinto), transcreveu no humoristico *Pimpão* e na secção *Vária*, parte do artigo intitulado *Os phosphoros*, e que aqui publicamos ao numero 1.010.

Tambem o *Mundo* e a *Voz da Justiça* transcreveram o mesmo artigo.

## O vomito da inveja

Antes de tomar a presidencia da camara o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, não foram poucas as vezes que ouvimos justos e amargos queixumes a aveirenses pelo facto de se não promoverem ha muito melhoramentos locais camaraes, jazendo por isso a cidade n'uma apathia pôdre e apenas vendo-se de vez em quando dois ou tres homens arrancando por essas ruas e praças as hervas que vejetavam nas valletas e calçadas.

Mas logo que aquelle senhor tomou a presidencia do senado, tratou immediatamente de promover melhoramentos por toda a parte, destacando-se entre elles o novo Mercado do Peixe que ali se vai levantar; o edificio escolar que se erguerá em terreno gratuitamente cedido pelo governo ao municipio, devido aos persistentes trabalhos e rogos de s. ex.ª; o calcetamento a mosaico do Largo Municipal e, finalmente, muitos outros de somenos valor, mas ainda assim de relativa importancia.

Isto vê-se ali com dois dias, pôde-se assim dizer, de gerencia municipal e por isso é-nos licito acreditar que muitos mais melhoramentos venhamos a dever á arrojadada e provada iniciativa de s. ex.ª, caso continue a presidir aos destinos do concelho.

Mas, como luzir portuguezes entre portuguezes e muito menos luzir com a sua luz é cousa muito difficultosa na nossa terra, como muito bem dis-

se o padre Antonio Vieira, segue-se que os ineptos, os estorvilhos, *Chicas* e *Querellas* macanjos, roídos pela maldita inveja de verem alguma cousa fazer-se de util e proveitoso pela nossa terra, dão-se a desesperados estortores de raiva, lamuriando em pasquins nojentos e sem cotação no mercado, grossas mentiras, envoltas no vomito negro da vil inveja.

Mas acima, muito acima do seu vomito asqueroso e repugnante, fallam mais alto os merecimentos do presidente da camara e os seus reconhecidos meritos bastando para o attestar a corrente de sympathia popular que s. ex.ª tem adquirido na cidade, e, no concelho a d'aquelles que lhe sabem avaliar as qualidades, e que o collocam fóra do alcance das baboseiras *Chicaceas* e *Querellaceas* de quantos idiotas detractores por ali polvilham.

N'isso dá o povo d'esta terra uma sã e justa idéa de quanto sabe avaliar os prestimos a quem os possui.

Esta é a simples verdade como sempre a costumamos dizer em tudo.

O resto... são blasonadas balafas de desequilibrados.

## LIVROS DE INSTRUCÇÃO

Ha pouco foram rejeitados quasi todos os livros apresentados para uso das escolas de instrucção primaria. Isso deu lugar, como se sabe, a um berreiro diabolico. Os auctores dos livros não se conformaram. Disséram cobras e lagartos contra a respectiva commissão. E reclamaram.

E' bem certo que ninguém [vé a] tranca no seu olho!

A commissão, para mostrar que procedeu com acerto e justiça, publica no *Diario do Governo* os erros dos livros rejeitados.

Por mera curiosidade tiramos d'um d'elles—*Primeiras leituras infantis*—de Simões Lopes, estas bellezas:

«A casa é uma habitacção, e fechada por uma porta.»

«A casa tem quartos, cozinha, sala, despensa, casa de jantar, gabinetes, corredoras, escadas para entrar e sair em (1) casa.»

«Os meninos que vão á aula juntamente commigo são meus condiscipulos.»

«O corpo tem cabeça, tronco e os membros. A cabeça compõe-se de duas partes que são a face, onde estão collocados os queixos, os olhos, o nariz e o cráneo, que é um cofre formado de ossos, dentro do qual estão os miolos ou o cerebro.»

E assim por diante.

Note-se que o auctor reclamou contra a injustiça de que foi victima dizendo que o seu livro deveria servir de *padrão regulador de todos os livros de leitura de escola primaria!*

Mas a commissão ainda rejeitou outro livro do mesmo auctor, onde se lêem estas bellezas, que não são inferiores ás outras:

«Os peixes teem o corpo coberto de escamas ou de conchas.»

«Ha peixes que tanto vivem na água como na terra; a estes dá-se o nome de *amphibios*. A phoca e a lontra são amphibios, porque tanto vivem na água como em terra.»

Logo, commenta a commissão, a phoca e a lontra são peixes.

«Os crocodilos, os jacarés, as giboias, as cobras, os sapos, as rãs, os lacraos, as serpentes, os lagartos são reptis.»

Por esta classificação, responde a commissão, os sapos e as rãs deixam de ser batrachios e os lacraos arachnidios.

E assim outras do mesmo genero.

Ora por aqui vêem os leitores o valor dos nossos pedagogistas, d'esses que teem andado a apregoar a insufficiencia do methodo João de Deus.

São todos assim.

O methodo João de Deus é inferior ao methodo d'elles pelo mesmo motivo porque os livros de Simões Lopes, onde se lêem as calinadas que ficam expostas, devem servir de *padrão regulador de todos os livros de instrucção primaria*.

Gracejar é muitas vezes refinar na maldade.

## Praça de touros no Pharol d'Aveiro

Está definitivamente fechado o contracto com o pessoal artistico que tem de tourear na praça da praia do Pharol nos dias 27 e 28 do corrente mez, por occasião dos tradicionais festejos que se realisam na Costa Nova e no Forte da Barra.

São cavalheiros, o exímio artista Margado de Covas, uma notabilidade na tauromachia, e José da Fonseca, um novo ainda, mas muito arrojado. O distincto cavalleiro Morgado de Covas vem expressamente tourear em ambas as tardes por affeição ao empresario e por gentileza ao seu discipulo José da Fonseca, de quem é dedicado amigo.

Bandarilheiros, os festejados artistas Francisco Louzada (*El Nene*), Raphael Toledo (*El Paleño*), espadas; José de Sousa Cecilio e Francisco Peixinho.

São lidados 8 touros em cada tarde, sendo o 4.º farpeado pelo grupo de forcados de Aveiro e o 8.º para os curiosos.

Na primeira tarde fará a sorte do salto do vara, offerecida ás damas, o applaudido bandarilheiro Cecilio, e na segunda tarde o destenido bandarilheiro Peixinho, que a offerece á classe piscatoria d'Aveiro.

Com elementos d'esta ordem devem ser duas touradas á ultura.

## Portas d'Agua

Chamamos a attenção de quem competir para o estado d'essa ponte.

Ha muitas duvidas sobre a sua solidez. Ora mais vale prevenir, que remediar.

O sr. Amador, que é um funcionario a cujo zelo e intelligencia todos prestam homenagem, que socogue os pobres banhistas examinando a ponte para poder garantir a sua segurança.

## Ivo Josué

Procedente do estrangeiro encontra-se entre nós o popular guitarrista lisbonense Ivo Josué, o qual vem de uma longa tournée em que obteve os maiores triumphos na sua carreira artistica.

## O DIARIO

Este nosso estimado collega de Lisboa entrou no segundo anno de publicação.

O *Diario* é um excellente periodico, muito bem redigido, com uma magnifica informação, superior a todos os periodicos do mesmo genero.

Felicitações cordealmente o collega.

## FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

## O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

VIII

## Mãe sua de poetas

Passou Braz Luiz de Abreu ao Porto, fazendo teuçãõ de estabelecer-se na segunda cidade do reino. Deteve-se em Aveiro alguns dias; e passeando scientificamente pelos arrabaldes da villa, descobriu a planta do chá, nascida em barda por aquelles maninhos. Consta-me que os aveirenses, de certo ignorantes do descobrimento do medico, ainda agora compram para seu uso o chá da China, como se não tivessem alli á mão a erva de que elle se faz. Aqui lhe transcrevo as palavras de Braz Luiz, e muito faço em prova de meu desprendimento de bens de fortuna, se não iria eu propriamente colher a erva, comprar os maninhos, e seuhorear-me de Aveiro em poucos annos. Aqui está a noticia: «Na villa de Avei-

## ENTRE AMIGOS

— Pois é verdade, amigo, retirei-me d'aquillo e já o devia ter feito á mais tempo, mas ao menos resta-me a consolação que sube cumprir com os meus deveres.

— Isso é verdade, sahii com a consciencia tranquilla tal qual como eu quando acabou o triennio.

— Alto lá, isso não digo eu nem toda a gente. Você approvou tudo sem protestar e além d'isso fez uma obra no seu pelouro que nunca terá utilidade...

— Então a que obra se refere?

— Ao póço do cemiterio, que hade dar agua quando D. Sebastião desembarcar n'uma manha de nevoeiro... Foi chão que deu uvas, amigo...

— E' verdade, e você fez um grande serviço, dar valor aos seus predios, fazendo-lhes jardins em frente, gastando com isso um dinheirão... Póde-se limpar. Ora você não terá espelho em casa?

— Se não fosse eu? Rocio ficaria sempre uma penuria...

— Diga, diga antes as suas casas, porque o largo pouco mais tem de elegante que anteriormente. Umas vestas ou acavias, como lhe queiram chamar, a mais.

— Você é um teimoso, não se póde questionar consigo...

— Dá cá a mão camarada... não chores que tambem voas...

## Fallecimento

Na quarta-feira d'esta semana, falleceu na sua casa da rua da Sé o nagenario commendador, Manuel José Marques da Silva Tavares que por muitos annos exerceu aqui o logar de conservador, e antes, o de administrador do concelho.

Era tido por todos como homem honrado, sério e cumpridor severo dos seus deveres.

## Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 7 ás 9 da noite, no Jardim Publico, é o seguinte:

## 1.ª PARTE

Selection da opera *Fedora*.*Azulinda*, mazurka.Pot-pourri da opera *Africana*.

## 2.ª PARTE

*La Côte de Granada*, ode symphonica.Phantasia da opera *Falinitz*.*Val d'Andorra*, symphonica.

## Automovel voltado

Quando no domingo passado seguia no seu automovel para a Figueira da Foz, na companhia do sr. dr. Guilherme Franqueira, medico na Louzã, o sr. dr. Egas Moniz, deputado da nação, vol-

tou-se-lhe perto da ponte de S. João de Loure, ferindo-se bastante aquelles senhores e especialmente o sr. dr. Egas Moniz, que soffren a fractura d'uma clavicula e varias contusões pelo corpo.

Vieram depois em carro para esta cidade, onde o sr. dr. Egas Moniz recebeu as demonstrações de pezar d'aquelles que o estimam, sendo recebidos bastantes telegrammas informando-se do seu estado de saude.

Sua ex.ª seguiu já para a sua casa de Pardilhó.

Os crimes que a sociedade pune são os crimes que ella propria engendra.—HELLESFONTO.

## A lua querellada

Uma noite d'estas passava tranquillamente pelo Rocio, admirando o bello ajardinamento ali feito, o respeitavel *Querellas* n.º 2.

N'isto desemboca dos lados da cocheira do sr. Martinho, o nosso querido etc. e tal, *Frei Chica da Purificação do Carmo*, que, com a mão direita sobre o coração e os olhos fitos na branca e prateada lua, seltava de quando em quando ternos suspiros de apaixonado amante.

— Que é isso, meu caro amigo Chica? O que o faz assim suspirar tão amargamente? lhe perguntou o *Querellas*.

O *Chica*, atrapalhado e apanhado de surpresa, quiz dar-se ares de desentendido e correu para o seu novo amigo para o abraçar. Mas como tinha sido apanhado em flagrante, e para não ser tomado á conta de tolo, teve que confessar a sua fraqueza ás reiteradas perguntas do *Querellas*.

— E' que eu, meu amigo, já farto de amar sopeiras sobre a terra, lembrei-me agora tambem de render versos á lua e d'ahi o meu apaixonamento por ella, mas em vão, por que a ingrata nem sequer uma insignificante promessa me faz. Ingrata, ingrata, que assim despreza o meu amor, — suspirou elle...

— Ai sim! pois ella é assim ingrata!... pois para lhe provar a amizade que lhe tenho pelos beneficios que lhe devo d'aquellas coisas... etc. e tal, vou tambem querellar da lua. E' mais querella menos querella e a lua ha de saber a quem o faz.

E abi tem o sr. juiz Pinto qualquer dia de julgar a lua por não corresponder ao pujante amor do *Frei Chica dos Carrapatos do Carmo*.

E' o *Querellas* que o quer. E' o *Querellas* que o determina pelo muito amor que dedica ao seu director espirital.

Um casamento de conveniencia é o mais sordido e ignobil dos contractos.—A. KARR.

va formigueira? Razão tinha o patriota doutor Olho de Vidro, quando em seguida á noticia, que os coevos menosprezaram, ajuntou: «Quem quizer indagar-lhe os prestimos, com facilidade o póde fazer, se accaso não for do genio d'aquelles que fazem eterno capricho de preferir sempre as coisas estrangeiras ás nacionaes e domesticas».

Transferiu-se Braz Luiz para o Porto, ao começar o anno de 1718. Estreitou-se auspiciosamente. Acombarcou a clynica dos mais acreditados, e mantave-se com recato e honra no tocante ás venialidades do coração, tocando em conta o muito que lhe importava desmentir a má fama graungeada em Lisboa.

No fim de seis mezes, offereciam-se-lhe vantajosos enlacos com reparigas bonitas de sua pessoa, rubras e sadias d'aquelle antigo sangue e pojante saude do Porto, e demais a mais, ricas, das mais ricas das ruas dos Pellames, Congostas e Mercadores.

Não se atrigou com a facilidade das propostas. Sobrava lhe dinheiro, estipendio das suas curas estupendias com inxundia de pata, olhos de minhocas, agua benedicta de Rolando, olhos de caranguejo e estergo de rato fresco. O coração

## COLYSEU FIGUEIRENSE

Não nos mentiu o prospecto da 2.ª tourada da epocha no vasto Colyseu Figueirense, pois que nos annunciava 10 bravissimos touros, e assim succedeu! Nunca vimos um curro tão bem tratado, corpulento, e d'uma bravura, como a que apresentaram os srs. Roberto & Roto!! Todos cumpriram, sem haver um que desmanchasse e rancho! alé o pobre «Bemfeito» que foi o nono a sahii no redondel, cumpriu, apezar de ter perdido muito sangue, em virtude de ter partido um dos paus á embolgação, o que, com certeza, o fará mudar de nome por ter de ficar defeituoso. A's 4 1/4 da tarde em ponto, dando entrada no respectivo camarote a auctoridade, entram na arena os distinctos cavalleiros Manuel e José Casimiro que executaram as cortezias com toda a galhardia. Ao som do clarim, soltam o 1.º da tarde, que era voluntario, e tinha por nome «Galdeiro» que fez com que Manuel Casimiro mostrasse todo o seu arrojado e saber, collocando ferros com todo o primor, sendo 2 á volta, uma boa estribeira e 2 curtos magistralmente, sendo muito applaudido.

O 4.º que era baptisado com o nome de «Forcado» foi para José Casimiro que fez uma boa estreia como artista, prendendo bons ferros.

O 6.º chamado «Carochão», farpeado a duo pelos arrojados cavalleiros, foi mi-mozado com uma soberba gaiola de Manuel Casimiro, empregando ambos bons ferros, pelo que ouviram bastantes applausos, e recebendo alguns brindes. Vieram abraçal-os á arena a direcção dos Bombeiros Voluntarios de Vizeu que expressamente aqui vieram unica e simplesmente para festejar os seus conterraneos.

O trabalho dos arrojados cavalleiros foi bom, pois que nada deixou a desejar. Dos pedes temos que especialisar Jorge Cadete, a quem couberam as honras da tarde, trabalhando incansavelmente, tanto com bandarilhas como com o capote, tendo pares soberbos e collocados no seu sitio, esteve muito feliz, ouvindo geraes ovações.

Manuel dos Santos teve um bom par, talvez o melhor da tarde, andando com tudo infeliz.

José Martins, Torres e Luciano tiveram bons pares, esforçando-se por agradar, o que conseguiram, menos os hespanhoes que foram a nota discordante, não deixando sandaões se cá não voltarem. Faico, o espada da tarde, com a muleta nada fez, prejudicado, por certo, pela grande ventania que soprava do norte; todavia ainda tentou o simulacro da morte que lhe sahii má, sendo assoabiado. Tambem se teve de bater com o 5.º «Salgueiro» que o cumprimentou logo ao primeiro cambio que tentou fazer, sendo colhido e ferido, por o touro se ter desembarado, pelo que teve de recolher á enfermaria, não tornando a apparecer, constando-nos mais tarde que o ferimento não era de gravidade.

No geral todos os artistas agradaram a não serem os forcados que para elles foi outro desastre, equal ao da primeira corrida, mas a culpa não foi toda d'elles, mas sim de quem os dirigia, pois que o intelligente tem acertado em tudo, ainda na presente epocha não conseguiu fazer com que os forcados fizessem uma péga em termos, unicamente pelo motivo de ter mandado sempre ao contrario; quero dizer, quando deve mandar pegar de cara, manda á volta e vice-versa, assim, o resultado é sahirem os forcados magoados, ou nada fizeram que grito tenha, como tem succedido. E' preciso que o sr. Jayme Henriques tenha um pouco mais de amor pelas costellas dos pobres homens, porque tambem são de carne e osso como v. ex.ª

Assistiram tres phylarmonicas, da Figueira, Vizeu e Gouveia. A casa estava toda passada, exceptuando alguns

cedia á freima com que elle trazia empunhada a cabeça em estudos medicos, estudos poeticos, toda a casta de sciencia, como sujeito que tinha em vista a immortalidade, de que a sua memoria se está gosando e gosará, enquanto o seu *Portugal Medico*, e a sua *Vida de Santo Antonio* e este meu romance foram livros conspiciosos.

Em outubro de 1718, chegou ao Porto uma senhora da Beira Alta, muito adoentada, trazendo em sua companhia uma filha. A enferma, desenganada pelos medicos na sua terra, ia procurar, como em ultima estancia, a sua cura na milagrosa reputação de Braz Luiz de Abreu.

Chamava-se a doente D. Antonia da Piedade, e a filha D. Josepha Maria de Castro. Aquella senhora tinha visto muito mundo, queria contar ao set medico extraordinarios lances da sua vida; mas as dores incessantes apenas lhe davam tempo para gemer, não obstante os esmerados disvelos do doutor. Os padecimentos recrudesciam, quando a pobre senhora lhe acudia a lembrança de que deixava n'este mundo sua filha desamparada, sem parentes, bem que ella os tivesse ricos. Bem quizera Braz Luiz, com a alma poetica e

camaroles, com o que não nos admiramos, pois que o publico sabe que a Direcção do Colyseu Figueirense se esforça sempre por organizar corridas com os melhores elementos, o que sempre tem conseguido, não se lhe regateando, por isso, os maiores louvores.

Para o dia 20 do corrente temos a 3.ª da epocha, com Fernando d'Oliveira e Joaquim Alves, e os melhores bandarilheiros portuguezes; hespanhoes, Antonio Reverte e Revertito!!

Com toda a certeza podemos affiançar uma casa á cunha, com taes elementos.

## AO SR. CAPITÃO DO PORTO

A correspondente n'esta cidade para a *Soberania do Povo*, de Agueda, no seu ultimo numero, pede providencias ao sr. Jayme Affreixo sobre algumas estacas que se encontram pela nossa ria, e diz:

«Em diversos pontos da nossa ria existem algumas estacas que podem muitas vezes dar origem a desgraças, se não se providenciar de fórma a que sejam d'ali retiradas.

Ainda ha dias o barco do Peixinho, que faz carreira para a Costa Nova, esteve em riscos de ser arrombado por uma d'essas estacas, o que deu causa a grande panico entre os passageiros que levava, principalmente mulheres, que julgavam morrer ali afogadas.

Pedimos a quem superintende no caso a sua attenção para esta ratoeira perigosissima.»

## FABULA

## O gallo, o burro e o leão

Era uma vez um burro, que andava a pastar em companhia de um gallo. N'isto vem um leão muito surra-teiro e atira-se ao burro, mas o gallo abre logo as guelas e põe-se a cautar:

— Có-có-ró-có!

Os leões tem todos muito medo da voz dos gallos; e aquelle largou logo a fugir a bom fugir, assim que ouviu o có-có-ró-có-có!

Mas vae o burro, que era muito estúpido, lembra-se que o leão fugia com medo d'elle e desata a correr a traz do leão! O gallo ainda se pôz em cima d'uma fraga, e cada vez cantava mais alto e mais de rijo có-có-ró-có! có-có-ró-có! para que o leão não parasse de correr por lhe ouvir a voz e o burro não o apanhasse! Mas n'um sitio, não sei aonde, o có-có-ró-có já se não ouvia, e o leão volta-se logo para traz e atirase ao burro!

Dizia então o asno quasi nas ultimas:

— Ai, a desgraça! Ai, a minha grande desgraça! Mas tôlo fui eu, que não sou filho de guerreiro e metti-me em guerras!

E como todas as fabulas tem as suas moraes, pedimos aos nossos leitores que tirem tambem a morol da presente fabula.

ffectuosa que tinha, entrar no segredo d'aquellas duas vidas; mas as reservas das senhoras impunham respeito e calavam-lhe de prompto as investigações indelicadas.

D. Josepha Maria tinha vinte e tres annos; era formosa, extraordinariamente instruida, fallava a muito custo a lingua portugueza, e com sua mãe expressava-se sempre na lingua franceza. Braz Luiz de Abreu não se deteve a perguntar ao seu espirito se lhe convinha ama-la; amou-a impetuosamente, desde que a viu; amou-a perdidamente desde que a ouviu.

D. Antonia falleceu no principio de novembro. As suas ultimas palavras á filha foram estas: «Perdoa-me ter-te eu dado o nascimento, desgraçada menina. Agora, que vae morrer a mulher maldita dos seus, vae tu procurar os tens parentes, e diz-lhe que não és culpada dos delictos de tua mãe». Braz ouvira estas palavras, e disse, ajoelhando ao pé da filha:

— Abençoe a nossa união.  
— Eu vos abençõo, meus filhos — murmurou a moribunda.

(Continúa.)

**HORARIO DOS COMBOIOS**

**De Aveiro para o Norte**  
 5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.  
 9,00 m., mixto, todas as classes.  
 8,48 t., mixto, todas as classes.  
 10,40 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

**TRAMWAYS**  
 3,55 da manhã.  
 10,15 da manhã.  
 4,39 t., vindo d'Alfarellos.

**De Aveiro para o Sul**  
 6,50 m., mixto, todas as classes.  
 1,41 t., mixto, todas as classes.  
 4,57 t., mixto, todas as classes.  
 5,26 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.  
 10,39 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

**TRAMWAYS**  
 Chegada à Aveiro, terminus:  
 9,49 da manhã.  
 9,42 da tarde.  
 Os tramways partem do Porto ás  
 7,5 da manhã e 6,55 da tarde.

**"Povo de Aveiro,"**  
**Em Lisboa, na tabacaria**  
**Monaco.**

**COISAS UTEIS**

*Algumas verbas da Lei do Sello.*  
*Recibos ou quitaações e seus dupli-*  
*cados:*

De 15000 réis a 105000 réis.....	010
De mais de 105000 réis a 505000 réis	020
De mais de 505000 réis a 1005000 réis	030
De mais de 1005000 réis a 2505000 réis	050
Cada 2505000 réis a mais ou fracção	
d'esta quantia.....	050

**LETRAS Á VISTA OU ATE 8 DIAS**

De 15000 réis a 205000 réis.....	20
De 205000 réis a 505000 réis.....	50
De 505000 réis a 2505000 réis.....	100

Augmentando 100 réis por cada  
 2505000 ou fracção a mais

**LETRAS A MAIS DE 8 DIAS DE VISTA**

De 15000 réis a 205000 réis.....	20
De 205000 réis a 405000 réis.....	40
De 405000 réis a 605000 réis.....	60
De 605000 réis a 805000 réis.....	80
De 805000 réis a 1005000 réis.....	100

Augmentando 100 réis por cada  
 1005000 réis ou fracção a mais.

*Acções ou títulos representativos*  
*de capital de qualquer sociedade,*  
*sem exclusão das parcerias marítimas,*  
*conforme o valor nominal:*

Até 55000 réis, 020 — de 55000 até  
 105000, 030 — de mais de 105000 até  
 505000, 075 — de mais de 505000 até  
 1005000, 150. — Cada 1005000 a mais ou  
 fracção d'esta quantia, 150 réis.

**VALES DO CORREIO E TELEGRAPHICOS**

De 15000 réis a 105000, 010 — de mais  
 de 105000 a 205000, 020 — de mais de  
 205000 a 505000, 040 — de mais de 505000  
 a 1005000, 060 — de mais de 1005000 a  
 3005000, 100 réis.

São isentos os vales do correio cha-  
 mados de serviço.

**ANNUNCIOS**

**Abastecimento de**  
**carnes á cida-**  
**de de Lisboa.**

Esta empresa previne os cria-  
 dores de que recebe gado  
 para acongue nas epochas  
 proprias pelos preços que  
 constam do seu contracto.

**Venda de couros, em lei-**  
**ção todas as segunda-feiras**  
**ao meio dia, em lotes cor-**  
**respondentes á matança de**  
**cada dia.**

As condições estão paten-  
 tes no acto da arrematação.

**Venda de sebo, tripa, san-**  
**gue secco para adubos, es-**  
**trume, etc.**

**Rua da Boa Vista,**  
**3 Lisboa**

**METHODO JOÃO DE DEUS**

**Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 réis.**  
**Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 réis.**  
 Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de  
 João de Deus.  
**Album, contendo as lições da CARTILHA MATERNAL, preço 95000 réis.**  
**Quadros parietaes, contendo as mesmas lições em 35 cartões, 9500 réis.**  
**Arte de escripta, nove cadernos, 270 réis.**

**DO MESMO AUCTOR**

**Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordena-**  
**das sob as visitas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 700 réis.**

**Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, preço**  
**800 réis.**

**PEDAGOGIA: A Cartilha Maternal e o Apostolado, (1.º livro) 500 réis.**

**A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro, 500 réis.)**

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-**  
**pensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.**

**Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs**

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal.  
 Descontos do costume ás livrarias.

**Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria**  
**Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde**  
**serão dirigidas as requisições.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer  
 explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á  
 viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-  
 trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o  
 referido methodo.

**Os municipios, corporações e professores que quel-**  
**ram adoptar nas suas escolas o methodo de João de**  
**Deus, tambem tem desconto especial.**

**Deposito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo,**  
**20, 1.º—LISBOA.**

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**  
 DA ACREDITADA FABRICA  
**"PFAFF,"**  
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

**CONSULTORIO**  
**DENTARIO**  
 DE  
**THEOPHILO REIS**  
 Cirurgião-dentista  
 pela Universidade de Coimbra  
 Extrahir, obturar, colloca-  
 dentes e encarega-se  
 do concerto de dentaduras  
**R. DIREITA, 58, 1.ª**  
**Aveiro**

**BAGAGOS ALIMENTARES**  
 VENDEM-SE na antiga casa  
 de Manuel Maria, largo do  
 mesmo nome, rua direita, d'esta  
 cidade, e por preços vantajosos  
 es melhores bagagos para alimen-  
 tação de todos os animaes.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**  
 DA ACREDITADA FABRICA  
**"PFAFF,"**  
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambracia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha**  
**de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
 A prestação e a dinheiro com grandes descontos.  
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-  
 ções especiaes.  
 Vendem-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para  
 toda a classe de costura.  
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-  
 tamente.  
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho  
**ANADIA—SANGALHOS**

**LIVRO COMMERCIAL**

**TRATADO DE CONTABILIDADE**

*Pelo guarda-livros RICARDO DE SA*  
 Chefe da contabilidade do Banco  
 Nacional Ultramarino. Ex-professor pro-  
 prietario da 5.ª cadeira  
 do Atheneu Commercial de Lisboa  
 Perito ante os tribunaes Commercial  
 e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o  
 paiz o nome do auctor para que preci-  
 sèmos recommendar o valor d'esta obra,  
 indispensavel ao commercio e á indus-  
 tria em geral.

**Esta obra compôr-se-ha**  
**aproximadamente de 50**  
**fasciculos de 16 paginas a**  
**70 réis.**

Assigna-se na «A EDITORA», Largo  
 do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Por-  
 to, na Livraria Chardron de Lello & Ir-  
 mão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em  
 casa de todos os seus agentes nas pro-  
 vincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fas-  
 ciculo specimen a quem o requisitar.

**A NOVA PHASE**  
 DO  
**SOCIALISMO**

POR  
**JOÃO DE MENEZES**  
 A' venda na Livraria Central de Gomes  
 de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160  
 —LISBOA.

**Preço 200**

**Vinho puro de Bucellas**  
 Este vinho, muito apreciado  
 pelas suas propriedades hygie-  
 nicas, só se vende no estabe-  
 lecimento de José Gonçalves  
 Gamellas.

**Praça do Peixe—AVEIRO**

**N. B.—Só se garante o**  
**proprio vinho o vendido**  
**no mesmo estabeleci-**  
**mento.**

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser  
 da Companhia SINGER obti-  
 veram na Exposição de Paris  
 de 1900 o mais alto premio,  
 Grand-Prix.

E' mais uma victoria jun-  
 ta a tantas outras que estas  
 excellentes e bem construi-  
 das machinas tem alcança-  
 do em todas as exposições.

**AVEIRO**  
 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS  
 DA  
**BEIRA-MAR**  
 DE  
**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22;  
 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
 (Luz. Cam.)

**Preços fixos**      **VENDA SO A DINHEIRO**

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, li-  
 nho, seda e algodão.  
 Camisaria, gravataria, livraria,  
 papelaria e mais objectos de es-  
 criptorio. Officina de chapelaria.  
 Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bor-  
 dados, rhum e vinho (qualidade garantida).  
 Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinco-  
 la da Bairrada.  
 Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de  
 mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria,  
 bem como todos os accessorios para as mesmas.  
 Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias  
 (importação directa).  
 Flores artificiaes e cordas funerarias.  
 Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam recommendas que não venham  
 acompanhadas da respectiva importancia.